

POST-SCRIPTUM II
(1985)

O DIA EM QUE EU NASCI

José Manuel da Costa Esteves*

O poema “O dia em que eu nasci” foi publicado postumamente em *Post-Scriptum* II (1º vol.), livro organizado por Mécia de Sena que recolhe a poesia inédita da juventude de Jorge de Sena, balizada entre 1936 e 1938. Escrito aos 19 anos, o poema é profundamente marcado por uma visão desencantada do mundo, para a qual contribuem, duplamente, o contexto histórico, no rescaldo das cinzas da “Grande Guerra” (que atingiu a sua própria família) e o facto de ter sido “marcado” a ferros, ao nascer no dia de finados.

Anterior a uma poesia de carácter social, de afirmação de valores éticos de fidelidade ao humano, o poema apresenta uma tonalidade pessoal, confessional e meditativa, de matriz romântica, onde de imediato ecoa a voz de Camões, nome indissociável de Sena, do qual construirá na sua obra poética (sem esquecer a ficção e os ensaios sobre a épica e lírica camonianas) uma espécie de *alterego*, através de um vasto processo de relações intertextuais. O poema dialoga com o célebre soneto “O dia em que eu nasci, moura e pereça”, inspirado no *Livro de Job*. Mas são também evidentes as leituras de Antero de Quental, dos decadentistas e simbolistas. Parece haver ainda uma visão intimista tributária de Rilke com a morte que ameaça roubar a vida ao jovem poeta. O niilismo, o desespero e o sofrimento habitam estes versos.

Poema de juvenília – escrito em maio de 1938 – reflete o momento de frustração em que Sena foi obrigado a abandonar a Marinha de Guerra e ingressou na Escola Politécnica. Vem na esteira de poemas como “Desengano”, que aponta já para o desconcerto e o desejo de “dormir”; ou “Cadeias”, onde “Há vidas que morrem ao nascer”; passando pelo “Desistência”, de laivos também camonianos: “Falharei em tudo o que há-de haver/ como no que houve e teve fim.” Segundo Mécia, este mesmo poema

é o embrião de “Andante”, do livro *Perseguição*, cujo primeiro verso, “Soube-me sempre a destino a minha vida.”, é retomado em “Poema sobre um poema Antigo”, de 1945, incluído em *Pedra Filosofal*.

Poema longo, de estrofes, versos e imagens relativamente livres apresenta, porém, alguma estabilidade através da repetição e simetria habituais num raciocínio lógico e reproduz o movimento da reflexão. Começa pela vida do poeta, a ligação do nascimento e da morte: “O dia em que eu nasci/ marcou-me o meu destino...”, “sempre fui marcado/ e destinado pelo dia em que nasci...”, para, na segunda estrofe, historicizar esse tempo “escorrendo fel” onde “as almas dos que morreram vagueavam inda ao lume da terra”, com a sua dimensão sacrificial para que “outros pudessem viver” em paz ainda “de túnica manchada”, “foi que eu nasci...”. De inspiração camoniana, não sobejasse ao poeta esta razão, outra se lhe sobrepõe ‘duplamente’, “e a luz do dia vi/ num dia de ais” (nasceu a 2 de novembro de 1919) não para lhe arrebatara a vida como desejaria, “mas p’ra me vigiar” e “matar/ tudo o que eu sonhasse”. A partir da quarta estrofe, o sujeito assume a sua condição de eterno condenado, como Sísifo, num mundo habitado por “projectos mortos,/ cadáveres tortos” e a morte, omnipresente na obra do autor, passa a ser designada como “irmã”, “amiga”, “estrela” (na sua ambiguidade de guia e de estrela funesta), com ecos de Pessanha e de Antero. O sujeito aceita-a com sentimentos de ódio e resignação, “complexo ser” que tanto “mitiga as mágoas”, como provoca “eterna guerra/ entre aquilo que sou, que serei e o que era...”. A relação do eu com o mundo é mediatizada pela morte: “por isso meus versos são cansaços de sofrer”; a curta estrofe conclusiva, confirma a visão já explicitada “E assim/ o dia em que nasci/ foi p’ra mim/ o que vivo, viverei e já vivi...”, fechando-se a espiral à qual o sujeito não pode escapar.

O sofrimento cria a ponte entre os poemas de Sena e de Camões, no que respeita ao debate doloroso entre o eu e o mundo. Sena distancia-se da violência e dramatismo espetaculares da revolta pelo absurdo da morte,

mostra-nos um Job inquieto, em “eterna guerra” com alguma resignação, criando-se um sentimento de proximidade que advém da acumulação dos efeitos do destino, mas que não deixa também, por isso mesmo, de suscitar a adesão do leitor. Não há fuga possível, a morte irrompe em todas as etapas da vida, as vividas e as por vir, criando uma tensão entre o mundo e o não mundo, morte que se torna matéria de vida, da qual os versos são a sua própria corporização. Fica, no entanto, a liberdade de dizer pela criação que alimenta a poesia e a vida. “Soube-me sempre a destino a minha vida”: sabor e saber fundem-se numa realidade única, física e intelectual, capaz de transmutar a vivência do jovem poeta, marcado no auge da vida pela morte, em matéria poética, contrariando o destino anunciado, o sofrimento e fracasso da vida e obra do poeta em gestação, luz perene, que a Obra confirmará com todo o seu fulgor.

* Responsável pela Cátedra Lindley Cintra de Camões I.P. no Departamento de Estudos Lusófonos da Universidade Paris Nanterre, onde integra o centro de investigação CRILUS (EA 369 Etudes Romanes) do qual é diretor adjunto.